

Albert Serra se volta
ao mundo das
touradas em doc.

PÁGINA 3



Yamandu e
Zambujo tocam
em 11 cidades

PÁGINA 4



'Beleza Fatal' na
Band deixa caio
Blat na bronca

PÁGINA 7



2º CADERNO

Em cartaz desde novembro, 'Ainda Estou Aqui' já se torna o sétimo filme brasileiro mais assistido neste século



Fernanda Torres em cena de 'Ainda Estou Aqui', que já obteve 52 premiações desde seu lançamento

OS 10 MAIS ASSISTIDOS NESTE SÉCULO

Alile Dara Onawale/Divulgação

- 1. NADA A PERDER - 12 milhões** de espectadores
- 2. MINHA MÃE É UMA PEÇA 3 - 11,6 milhões** de espectadores
- 3. OS DEZ MANDAMENTOS - 11,2 milhões** de espectadores
- 4. TROPA DE ELITE 2: O INIMIGO AGORA É OUTRO - 10,8 milhões** de espectadores
- 5. MINHA MÃE É UMA PEÇA 2 - 9,2 milhões** de espectadores
- 6. NADA A PERDER 2 - 6,1 milhões** de espectadores
- 7. AINDA ESTOU AQUI - 5,7 milhões** de espectadores
- 8. SE EU FOSSE VOCÊ 2 - 5,6 milhões** de espectadores
- 9. MINHA VIDA EM MARTE - 5,3 milhões** de espectadores
- 10. DOIS FILHOS DE FRANCISCO: A HISTÓRIA DE ZEZÉ DI CAMARGO E LUCIANO - 5 milhões** de espectadores

Uma escalada de sucesso

Por Affonso Nunes

“**A**inda Estou Aqui”, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional, tornou-se o sétimo filme nacional mais visto do século. O levantamento é da Comscore, que monitora a audiência das salas brasileiras desde 2002. Com 5,67 milhões de espectadores, o longa de Walter Salles superou a bilheteria de “Se Eu Fosse Você 2” (2009), com 5,64 milhões de ingressos vendidos. A comédia romântica estrelada por Glória Pires e Tony Ramos ocupava a posição até então. O líder desse ranking, “Nada a Perder” (2018), segue envolto

em polêmicas. A cinebiografia de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, aparece nos dados oficiais como a maior bilheteria do cinema nacional, com milhões de ingressos vendidos em tempo recorde. No entanto, denúncias apontam que muitas sessões estavam vazias ou com público reduzido, apesar da contabilização das vendas. Relatos indicam que a Universal teria adquirido grandes lotes de ingressos e

os distribuído gratuitamente a fiéis, inflando os números.

O caso de “Ainda Estou Aqui” é bem diferente. A adaptação cinematográfica da obra homônima de Marcelo Rubens Paiva continua em cartaz no Brasil e no exterior, onde já arrecadou R\$ 202,4 milhões em bilheteria nos 12 países onde foi lançado. Os dados são da plataforma IMDb Pro.

Grande parte dessa receita vem do Brasil, onde o faturamento parcial chega a R\$ 112,4 milhões. Nos Estados Unidos, França, Portugal, Itália e Reino Unido, a soma ultrapassa R\$ 70 milhões.

Além da indicação ao Oscar de Melhor Filme e Melhor Atriz para Fernanda Torres, o longa de Salles conquistou o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Veneza e rendeu a Torres o Globo de Ouro de Melhor Atriz. Até agora, acumula 52 prêmios.

Por **Diogo Bachega** (Folhapress)

O sucesso de “Ainda Estou Aqui” renovou o interesse pelo livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva publicada pela Alfaguara em 2015. Quem busca a obra original, no entanto, pode se surpreender com diferenças significativas entre ela e a adaptação, seja por perceber que alguns temas são mais aprofundados no livro, seja por notar que grande parte do material não chegou às telas.

O longa, mais sintético, adapta menos da metade do livro de Paiva, cujo grande assunto é a memória. Reflexões sobre a capacidade do cérebro de armazenar informações sobre momentos vividos e sobre a doença de Alzheimer de Eunice Paiva são cruzadas com a discussão sobre o passado do Brasil e como o país lida com sua história, que é menos linear do que o filme.

Após um preâmbulo inicial em que o autor discorre sobre a natureza das lembranças, a narrativa começa com um episódio de 30 de janeiro de 2008, quando Paiva, Eunice e sua filha mais velha, Veroça, foram ao Fórum João Mendes, no centro de São Paulo, para solicitar a interdição de Eunice, que já apresentava um quadro avançado da doença.

Na sequência, Paiva salta para 23 de fevereiro de 1996, quando sua família enfim conseguiu o certificado de óbito de seu pai graças à Lei dos Desaparecidos - cena que, no filme, serve como uma ponte para separar a parte principal da trama, ambientada em 1970, do epílogo, em que Fernanda Montenegro interpreta Eunice, já idosa, reconhecendo na televisão o marido assassinado, e que também aparece no final do livro.

É só a partir do sétimo capítulo, após um terço da história, que a trama do livro se aproxima mais do filme. O leitor passa a conhecer o dia a dia da casa carioca, sempre cheia de visitas, e aparecem personagens como Fernando Gasparian e Baby Bocayuva, que militaram junto a Rubens contra a ditadura. No entanto, essa convergência dura pouco.



Marcelo Rubens Paiva no Festival de Veneza, onde ‘Ainda Estou Aqui’ foi premiado como melhor roteiro adaptado

Filme é o recorte de uma obra mais ampla

O livro de Marcelo Rubens Paiva que inspirou o filme é mais centrado no processo da perda de Eunice Paiva

O livro avança além dos acontecimentos retratados na adaptação, acompanhando a vida da família Paiva após o retorno a São Paulo, a trajetória universitária de Paiva, a

formação de Eunice em Direito e sua atuação na defesa dos povos indígenas, além do agravamento de sua doença.

Ao contrário da longa, o livro narra a tortura de Rubens, reconstruída a partir da imaginação de Paiva e de relatos como de Marilene Corona Franco, outra presa, e do capitão Ronald José Motta Baptista de Leão, militar envolvido nas torturas. Paiva também fala da militância de Rubens no começo da ditadura.

Logo após o golpe, seu pai tentou escapar de Brasília, onde morava, em um avião, que foi interceptado e obrigado a pousar. Após fugir de soldados, Rubens se refugiou na embaixada da antiga Iugoslávia até conseguir um salvo-conduto para deixar o país, em junho de 1964.

Ainda no mesmo ano, durante um voo para o Uruguai com escala no Rio, fugiu do aeroporto e voltou ao Brasil. Dois anos depois, em 1966, mudou-se para a casa do Leblon, cenário do filme.

Ainda, o livro possui mais espaço para trabalhar com as nuances de Eunice, embora ela seja sempre retratada sob a perspectiva subjetiva de Paiva. O escritor descreve sua mãe como uma heroína, que soube manter a postura diante das piores dores e cuidar de sua família e de outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, como uma mulher fria, calculista e vaidosa. “Era prática, culta, magra, sensata, workaholic. Tudo o que não se quer de uma mãe”, escreve.

Na segunda metade do livro, Paiva conta que sua mãe se negava

a vender quadros e móveis caros mesmo diante de dificuldades financeiras e que, certa vez, a flagrou enchendo uma garrafa de uísque importado com um destilado caseiro, para servir às visitas. Ela não queria que os outros pensassem que sua situação havia piorado após a viuvez.

Seu pai também ganha complexidade. No relato, antes da mudança para o Rio, Rubens tirou Paiva de uma escola construtivista e o colocou em uma instituição pública, com medo de que o filho se tornasse “afeminado”. O escritor também questiona a obstinação do pai, que arriscou sua segurança e a da família até o último momento, em vez de fugir para o exterior quando o cerco da ditadura se fechava.

Uma discussão apenas insinuada no filme, mas mais presente no livro, é a diversidade dentro das forças armadas. Assim como na obra original, o longa retrata um soldado que se solidariza com Eunice enquanto ela está presa no Dops e diz não concordar com o que estava acontecendo. Paiva, porém, aprofunda essa questão, afirmando que muitos militares se opuseram ao regime. “Sempre soubemos que nosso inimigo não vestia farda. Era um regime, não uma carreira.”

Olé cinéfilo para Albert Serra

Bíblia do estudo audiovisual, a revista 'Cahiers du Cinéma' se rende uma vez mais ao diretor de 'Pacifiction', hoje na MUBI, e celebra sua volta às telas com o doc. 'Tardes de Soledad'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Fiel à sua criação, a "Cahiers du Cinéma", o periódico mais respeitado da cultura audiovisual desde 1951, dedicou sua capa de março ao novo exercício autoral do catalão Albert Serra, o ensaio documental "Tardes de Soledad", que iniciou carreira comercial em sua terra natal, a Península Ibérica, no último fim de semana, abrindo espaço Europa adentro.

A relação entre a revista e o diretor passou a ser de amor depois que seu coletivo de críticos elegeram o longa-metragem anterior dele, "Pacifiction" (hoje encontrável na plataforma MUBI), "O" filme de 2022. Essa estampa de qualidade do mais respeitado veículo de imprensa do mundo cinéfilo transformou o que era uma potente dramaturgia (sobre a ressaca política de um mundo de ideologias afogadas) num acontecimento.

A obra de Serra virou aquilo que revistas como a "New Yorker" chama de talk of the town, ou seja, "O" assunto da cidade. Muitas vezes essa bênção francesa da "Cahiers" erra, sacralizando bezerras de ouro. Em outras (as enquetes em que figuraram Bertrand Mandico, Maren Ade, os Irmãos Safdie, Patricia Mazuy, Hong Sangsoo, Ladj Ly e Kleber Mendonça Filho), os acertos foram reconhecidos e atestados pela História, como se vê agora com o diretor espanhol. Seu .doc chega à França com status de obra-prima.

Encarado desde a sua primeira exibição pública, em setembro, no Festival de San Sebastián, como um gesto de ousadia e um convite à provocação, "Tardes de Soledad" fez jus à controvérsia que despertou ao receber a Concha de Ouro de 2024, por sua excelência de linguagem. Venceu uma acirradíssima disputa no País Basco com um objeto de estudo dos mais indigestos para os novos tempos: a tradição da tourada.

Ao seguir o dia a dia de um toureiro



Queridinho dos fãs de touradas, o peruano Andrés Roca Rey é o personagem central de 'Tardes de Soledad', do catalão Albert Serra



O diretor catalão exhibe a Concha de Ouro conquistada no Festival de San Sebastián

peruano visto como celebridade em seu ofício, Andrés Roca Rey, o realizador de cults como "A Morte de Luís XIV" (produção de 2016 hoje alugável na Prime Video, da Amazon) combate o machismo e também a naturalização da violência contra os animais inerentes àquela tradição ibérica. Sagrou-se ganhador de um evento que falou de finitudes (de corpos idosos, de velhos costumes) do começo a fim.

"Como meu fotógrafo, Artur Tort, também é um montador, tive a "Como meu fotógrafo, Artur Tort, também é um montador, tive a chance de explorar as imagens que rodamos com respeito à solidão das pessoas que estão nas arenas de touros, mas sem romancear aquele costume", disse Serra em resposta ao Correio da Manhã em sua coletiva em Donostia, o nome de San Sebastián em basco.

Serra nunca havia feito um longa de não ficção antes. Sem fazer juízos de valor, esse artesanato da imagem registra uma série de "combates" travados por Roca Rey. Em planos longos, com muitos closes, o diretor

desconstrói o simbolismo de virilidade que cerca os toureiros, captando frases de fãs como "seus colhões são maiores do que essa praça", que, ouvidas no contexto estético do longa, ganham tom irônico.

"Tenho formas de pensar a linguagem que passam por uma herança de meu país nas telas", disse Serra ao Correio, antes de atuar como jurado da Berlinale 2024, na Alemanha. "Sou, sim, um cineasta espanhol, pela minha gênese pessoal, mas o meu cinema não está preso a paradigmas nacionais, nascendo de uma troca com outras pátrias, no desejo de expressar o mundo a partir de uma inquietação formal que não se defina meramente pela palavra, ainda que esta, quando aparece em cena, tem relevância, um sentido, um efeito".

As páginas da "Cahiers du Cinéma" de março analisam a forma peculiar de criação de Serra, na ficção. "Eu não uso o roteiro com os atores. Eu converso com eles, cena a cena, para tentar que eles se guiem pelo sentimento que cada sequência proposta sugere", disse o cineasta em San Sebastián.

"Pacifiction", acessível no www.mubi.com, prova que existem várias moléstias na dramaturgia de Serra e o tédio é uma delas, quase sempre acompanhado de um certo esnobismo maquinal, ou seja, uma arrogância em relação aos processos de interação social e de trocas financeiras. Assim sendo, lirismo é algo que não lhe cabe, ainda que exista algo de lúdico no verdume das florestas da Polinésia Francesa onde a trama se passa. Mas a preferência de Serra é pelo que existe (ora) de arenoso e (ora) de lamacento na alma do personagem central daquele Éden em falência: um misantropo alheio à perseverança humana chamado De Roller, Alto Comissário da República no Taiti.

Para viver a figura enigmática, que é galá e monstro no mesmo corpo, operando como Jekyll pro neoliberalismo e Mr. Hyde para o discurso ecológico, Serra convocou um ator em estado de graça: Benoît Magiel. Premiado em Cannes, em 2001, por "A Professora de Piano", em duo erótico com Isabelle Huppert, Magimel transforma De Roller num Exu que flana por diferentes mundos (o de governantes poderosos, o de turistas milionários e o bas-fond do comércio sexual) buscando equilíbrio.

Mas a ameaça de um conflito atômico, somada à fagulha de um benquerer que parecia impossível, vai tirá-lo do ponto morto. Seu despertar revela, com o olhar decadentista de Serra, que o bárbaro é sempre aquele que se civilizou. O mundo dos toureiros exposto em "Tardes de Soledad" segue a mesma lógica.

Voz e violão a serviço da arte (em estado puro)

Yamandu Costa e António Zambujo iniciam turnê que passará por 11 cidades brasileiras

Por Affonso Nunes

S seja dividindo o palco ou trabalhando arduamente em estúdio eles são dois “amigos de infância” que estreitam os laços que unem Brasil e Portugal na música. Após o sucesso de “Prenda Minha”, lançado em 2024, o violonista gaúcho Yamandu Costa e o cantor português António Zambujo iniciam nesta sexta-feira (14), em Curitiba, uma turnê que passará por 11 cidades brasileiras, celebrando uma amizade que vem desde 2008. A apresentação no Rio será no dia 28, no Circo Voador.

O repertório especialíssimo passeia por canções de Chico Buarque, Tom Jobim e Lupicínio Rodrigues, além de clássicos latino-americanos e composições autorais. Voz e violão em harmonia a serviço da arte. O setlist reflete as raízes musicais da dupla. No palco, interpretam bossa nova, música tradicional portuguesa, choro, chamamé, guarânia e bolero mexicano, além de “um monte de coisas diferentes que a gente gosta de ouvir”, como explica Yamandu.

Um dos destaques é “Nervos de Aço” (Lupicínio Rodrigues), cujos versos se encaixam no timbre marcante de Zambujo e no compasso do violão de sete cordas de Yamandu. “Prenda Minha”, composta por Yamandu em parceria com Paulo César Pinheiro, também marca presença.

A dupla revisita ainda temas consagrados do cancioneiro nacional, como “Valsinha” (Chico Buarque e Vinícius de Moraes), “Gente Humilde” (Chico, Vinícius e Garoto), “Falando de



Kenton Tatcher

Yamandu Costa e Zambujo: mistura de ritmos e sonoridades dá o tom do show que reúne novamente a dupla

Amor” (Tom Jobim) e “Tristeza do Jeca” (Angelino de Oliveira). Os ritmos latino-americanos ganham espaço com “Profecia” (Adolfo Guzmán), “Recuerdos de Ypacaraí” (Demetrio Ortiz e Zulema de Mirkin) e “Cosechero” (Rámon Ayala). O resultado é um encontro de sonoridades e influências que cativa o público.

“Não seguimos fórmulas.

Nossa parceria tem algo de intuitivo. Meu violão se propõe a abraçar a voz do Zambujo. O som das cordas conduz a letra. Formamos um duo de câmara”, brinca Yamandu.

A turnê traz novidades para os fãs brasileiros. Em 2025, a dupla gravou um segundo álbum, “Sur”, dedicado à música em espanhol, com exceção de “Resposta

ao Tempo”, um clássico de Aldir Blanc. O título remete às origens de ambos, nascidos ao sul de seus países. Três faixas do disco estão no repertório do show: “Resposta ao Tempo” (Aldir Blanc e Cristóvão Bastos), a valsa “Nube Gris” (Eduardo Márquez Talledo) e “Volver a mi raíz” (Lúcio Yanel).

“Nossas raízes vêm do Sul, daí o nome do álbum. Eu sou

do Alentejo, o Yamandu, do Rio Grande do Sul. São regiões culturalmente ricas, que moldaram nossa educação musical. Fazemos música do nosso tempo, mas com um pé fincado na tradição. Isso nos aproximou. Cantar ao lado de um músico que admiro tanto é um privilégio”, diz Zambujo.

O disco foi gravado em apenas três dias no estúdio de Yamandu, em Lisboa, reforçando uma parceria iniciada em 2008, quando Zambujo fez sua primeira apresentação no Brasil. A amizade foi imediata. Convidado para tocar no show de estreia do português no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, Yamandu aceitou sem hesitar. “Marcamos um ensaio, mas a sintonia foi tão forte que nem precisamos ensaiar. Viramos amigos de infância”, lembra o violonista. Zambujo, então, já se destacava como um dos maiores intérpretes da música portuguesa e seu embaixador pelo mundo.

Em 2014, fizeram uma turnê por algumas cidades brasileiras, mas o desejo de aprofundar os laços musicais permaneceu. A conexão se fortaleceu há quatro anos, quando Yamandu se estabeleceu definitivamente em Portugal, incentivado pelo próprio Zambujo.

A nova temporada de shows começou no Auditório Nacional de Madri, em janeiro. Até o fim do ano, a agenda está cheia. “Trabalhamos de maneira simples. Não gostamos de regravar uma música várias vezes. Buscamos capturar a essência do momento, do jeito que a canção pede. Temos uma sintonia fina no palco e no estúdio. Eu sempre fui solista e vejo a voz como um instrumento. O que me encanta na parceria com o Zambujo é que buscamos um lugar além da canção. Às vezes, nem é preciso tocar muitas notas. Eu deixo a palavra falar mais alto”, diz Yamandu.

Uma manifestação de liberdade e leveza

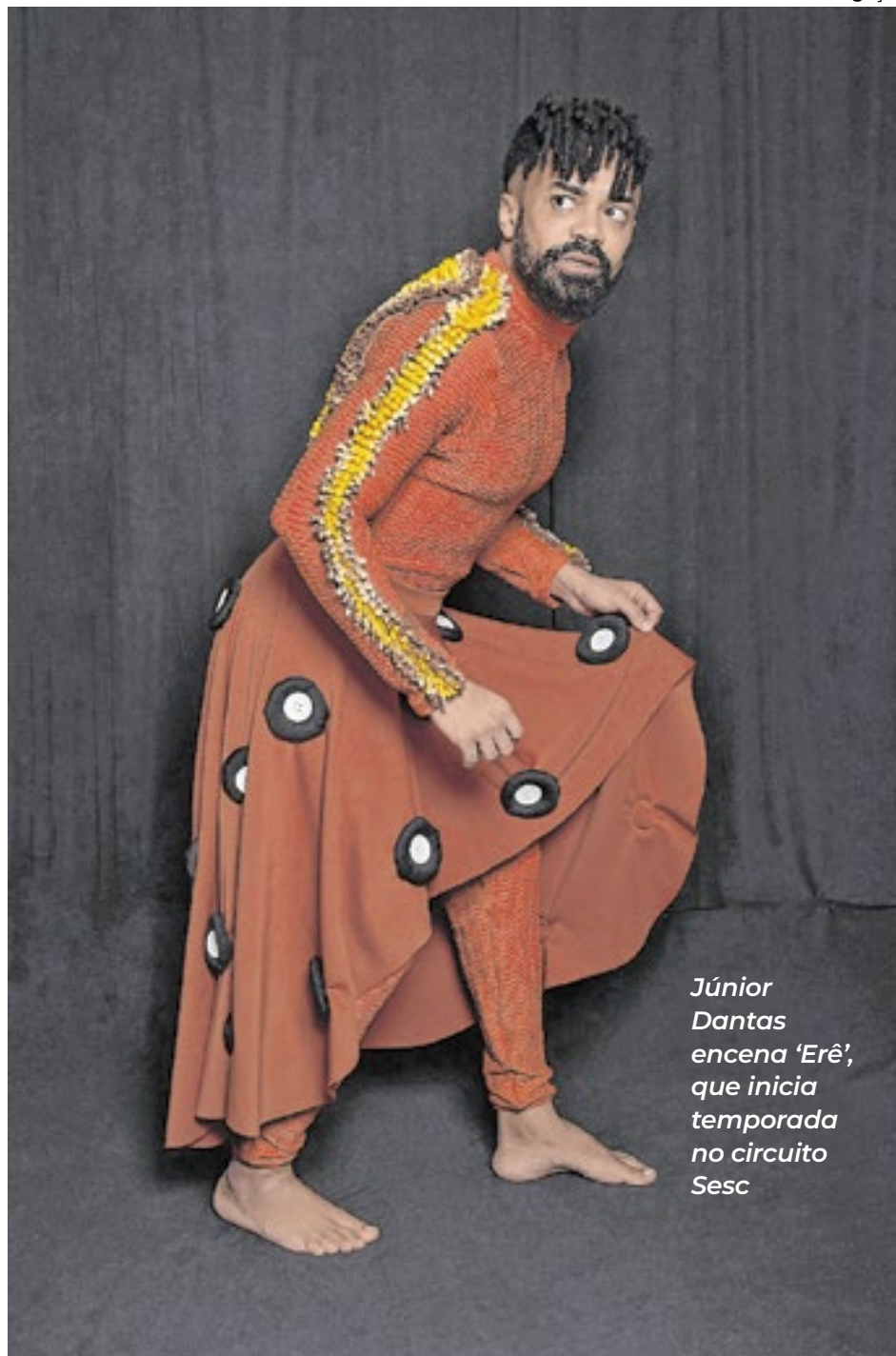
Ernane Pinho/Divulgação

Espectáculo infantil 'Erê' narra a história de uma criança criativa e curiosa em conexão com sua ancestralidade

O espetáculo infantil "Erê", inspirado no livro homônimo de Jaciana Melquiades e Leandro Melquiades, ganha nova circulação pelo projeto Sesc Pulsar, passando pelas unidades do Sesc na capital e interior do estado. Com direção de Luiza Loroza e atuação de Júnior Dantas, a produção é assinada por Júlio Luz.

Publicado em 2014, o livro narra a história de uma criança "esperta, criativa, inventiva e curiosa", que estabelece uma conexão profunda com sua ancestralidade negra por meio do conhecimento das pinturas corporais das etnias africanas. Ao longo da narrativa, o protagonista se envolve com sua própria história e cultura.

"Erê é um sonho se tornando realidade. O personagem surgiu em 2013, com propósitos lúdico-educativos. Em 2014, virou livro e foi levado às escolas de educação infantil da rede municipal do Rio. Agora, torna-se espetáculo. Estamos imensamente felizes com esse avanço e com a oportunidade de levar essa história a mais crianças", conta Jaciana Melquiades, uma das autoras.



Júnior Dantas encena 'Erê', que inicia temporada no circuito Sesc

A palavra "Erê" tem origem no idioma iorubá e significa "brincar". No ritual do Candomblé, o Erê surge após o transe do Orixá, simbolizando a ligação entre o iniciado e a divindade. Não é uma pessoa, mas uma ma-

nifestação de liberdade, leveza, alegria e vulnerabilidade, encontrada no ponto de equilíbrio entre a consciência humana e a inconsciência do Orixá.

O personagem Erê é um menino falante, vigilante, cheio de

ideias e reflexões, que estabelece um diálogo com o público, compartilhando seus pensamentos mais profundos e apresentando conhecimentos sobre as culturas africanas, usando a pintura corporal como meio de expres-

“Erê é uma busca incessante pela ancestralidade. O cenário, composto por espelhos, como um portal, revela que o caminho é para dentro”

Luiza Loroza

são. Em interação direta com a plateia, ele questiona padrões sociais, utiliza sua criatividade para se conectar com sua ancestralidade e recebe ajuda de personagens inesperados, repletos de referências afrocentradas, em sua jornada.

"Erê é, metaforicamente, uma busca incessante pela ancestralidade. O cenário, composto por espelhos, como um portal, revela que o caminho é para dentro", explica Luiza Loroza, diretora do espetáculo.

SERVIÇO

ERÊ

16/3, às 15h: Sesc Barra Mansa (Av. Tenente José Eduardo, 560 - Vila Nova)

23/3, às 16h: Sesc Campos (Av. Alberto Torres, 397 - Centro)

30/3, às 16h: Sesc Nova Friburgo (Av. Pres. Costa e Silva, 231 - Centro)

6/4, às 16h: Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38)

13/4, às 16h: Centro Cultural Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, nº 2, Petrópolis)

Ingressos: R\$ 15 e R\$ 7,50 (meia)

Formação em teatro e circo

Oficina que explora o processo criativo em atuações recebe inscrições até 11 de abril

Estão abertas as inscrições para o ciclo 2025 da Oficina Permanente de Teatro e Circo, realizada na Arena Carioca Jovelina Pérola Negra, na Pavuna. Os interessados na oficina de técnicas circenses podem se inscrever pelo formulário online até o dia 11 de abril de 2025. Os links de inscrição estão disponíveis no Instagram da Oficina.

Idealizado pelo diretor teatral e produtor cultural Lino Rocca e pela atriz e artista circense Vânia Santos, o projeto busca difundir a tradição circense na cultura bra-

sileira. “A Oficina Permanente de Teatro e Circo é um marco na história cultural do Estado, oferecendo aulas de malabarismo, acrobacia, técnicas teatrais, palhaçaria, perna de pau, lira, tecido e história do circo. Dividida em formações em técnicas circenses e teatrais, a Oficina insere seus participantes no mercado de animação cultural, recreação infantil e no universo profissional circense e teatral”, afirma Lino.

A Oficina Permanente é resultado de pesquisa sobre o processo criativo do atuante, baseada em técnicas psicofísicas voltadas à compo-



Divulgação

A Oficina Permanente de Teatro e Circo foi idealizada pelo diretor teatral Lino Rocca e e pela atriz e artista circense Vânia Santos

sição de personagem.

“Temos uma metodologia que chamamos de thymos, palavra grega que significa energia vital. Trabalhamos com exercícios variados, cânticos sagrados e danças circulares dos povos, buscando uma ação ativa correlata às ideias das ações físicas”, explica Rocca.

Dentro da programação, será montado o espetáculo “Ubu Rei”, de Alfred Jarry, que será encenada

nas arenas culturais da Pavuna, Vista Alegre e Guadalupe. “Escrita no fim do século 19, ‘Ubu Rei’ permanece atual mesmo após 120 anos, sendo precursora do surrealismo, dadaísmo e teatro do absurdo. A peça antecipa a ascensão dos totalitarismos, extremismos e ditaduras dos séculos 20 e 21”, analisa Vânia Santos.

Rocca traça um paralelo entre os protagonistas da obra e líderes

políticos contemporâneos, destacando padrões de abuso de poder que atravessam mais de um século. “Se o rei e a rainha Ubu encarnaram a deturpação e o abuso de poder ao longo da história, hoje representam dirigentes que incitam ódio, preconceito racial e social, disseminam violência, desmantelam políticas públicas e sufocam direitos humanos sem empatia pelo sofrimento alheio”, pontua.

A dança como oportunidade

Cia. ViDançar abre processo de seleção para bailarinos periféricos a partir dos 7 anos

A Cia. ViDançar, primeira companhia de dança do Complexo do Alemão, abriu 30 vagas para selecionar bailarinos periféricos a partir de 7 anos. Os escolhidos integrarão os segmentos infantil e jovem da companhia, após duas audições marcadas para o dia 22 de março. As inscrições devem ser feitas até o dia 21, através do link <https://11nk.dev/audicaovidancar2025>.

A seleção será conduzida por um júri experiente, que reúne a bailarina clássica Renata Gouveia, a coordenadora pedagógica Flavia Rodrigues e os jovens bailarinos

Duda Macedo, Pedro Aguiar e Julio Santiago.

Essa iniciativa é resultado do empenho da equipe do Projeto ViDançar, que há 15 anos oferece oficinas de dança e aulas preparatórias para ingresso em escolas profissionalizantes. Um marco que merece celebração.

“Neste 2025, completamos 15 anos de atividades ininterruptas e, pela primeira vez, fomos contemplados em um edital da Prefeitura do Rio. Manter uma companhia de dança na favela é um desafio imenso, mas também transforma-



Divulgação

Criado inicialmente com bailarinos do Complexo do Alemão a Cia. ViDançar agora se abre a jovens de outras comunidades

dor. Abrir nossas portas para mais jovens periféricos é, mais do que uma alegria, nossa missão”, afirma Ellen Serra, idealizadora e CEO do projeto ViDançar.

Fundada em 2020, em plena pandemia, a Cia. ViDançar surgiu como desdobramento do trabalho técnico desenvolvido pelo projeto. Sua primeira formação reuniu 20 bailarinos do Complexo do Alemão, que passaram por oficinas preparatórias e estão prontos para ingressar em uma etapa profissionalizante. Agora, a companhia amplia seu alcance, abrindo espaço para talentos de outras comunidades.

Primeira companhia de balé do Alemão, a Cia. ViDançar soma cinco anos de estudos e ensaios e se prepara para voos mais altos. No futuro, poderá consolidar-se como um dos produtos culturais do Rio, levando sua arte a palcos da cidade, do país e, quem sabe, do exterior.

E para os atores, nada?

Max, a plataforma da HBO, vendeu os direitos de transmissão da novela 'Beleza Fatal' para a TV aberta sem pagar direitos conexos ao elenco da produção, acusa Caio Blat

Por Lara Paiva (Folhapress)

Caio Blat, ator de "Beleza Fatal", criticou a falta de pagamentos de royalties pelo direito à sua imagem na venda da novela Max à emissora Band. "Qualquer novela ou filme que já fiz pode ser colocado no streaming sem me comunicar nem me pagar", reclamou durante o programa DR com Demori, que foi ar nesta terça-feira (11) na TV Brasil.

Blat vive Benjamin Argento na novela, que estreou na Band nesta segunda. Apesar de reconhecer a importância do alcan-

ce maior, proporcionado pelo streaming, reclamou da falta de direitos e participação de atores após a compra dos direitos de exibição de uma produção. "Agora eles negociam, os direitos todos são deles. Podem revender e reprisar", disse o ator.

Procurada, a Max não se manifestou sobre as críticas de Blat até a publicação desse texto.

"Só existe direito autoral para o autor da novela e para o diretor. Os atores só têm os direitos conexos. A nossa imagem, voz e interpretação está presa ali. Só que não existe lei no Brasil de direitos conexos como no México, na Argentina, na Espanha e em Portugal", compara Blat.

Segundo o ator, "Beleza Fatal" foi imediatamente vendida para uma emissora de TV aberta e, apesar de ser uma das primeiras novelas no formato do streaming, está fazendo sucesso. "É uma superprodução que conseguiu pegar grandes atores consagrados que o público conhecia, confia e gosta do trabalho", disse.



Caio Blat e Camila Pitanga estão no elenco de 'Beleza Fatal', a primeira novela produzida pela plataforma Max, da HBO

Uma campanha do barulho

Vídeos do Porta dos Fundos sobre direitos da mulher produzidos para o STF provocam discórdia nas redes

Nesses tempos dominados pelas redes sociais, qualquer assunto vira polêmica e gera um bate-boca interminável. E com a recente campanha do Supremo Tribunal Federal (STF) em parceria com o Porta dos Fundos, não foi diferente. No último sábado (8), Dia Internacional da Mulher, o tribunal e a produtora de vídeos humorísticos lançaram uma ação de conscientização sobre os direitos das mulheres, com a divulgação de dois vídeos. A iniciativa teve sequência nesta segunda-feira (10) com um novo conteúdo.

Embora o STF tenha esclarecido que a parceria não envolveu pagamentos ou contrapartidas financeiras, a ação gerou críticas

nas redes sociais. "Dói saber que a população trabalha e paga impostos para sustentar uma patifaria dessas", escreveu uma usuária. Outra questionou: "Como faz para desver esse vídeo?"

Além das reações negativas ao formato da divulgação, houve quem considerasse o conteúdo inadequado para um tribunal superior. O STF, no entanto, defendeu a campanha, afirmando que seu propósito é tornar as informações sobre os direitos das mulheres mais acessíveis e didáticas.

Um dos vídeos destaca uma decisão de 2024 que declarou inconstitucional a prática de questionar a intimidade e a vida sexual das

Reprodução YouTube Porta dos Fundos



Atriz Bella Camero em vídeo do Porta dos Fundos feito em parceria com o STF

vítimas durante investigações e julgamentos de crimes contra mulheres. O outro aborda a tese da "legítima defesa da honra", utilizada no passado para justificar feminicídios e agressões.

Apesar das críticas, a iniciativa também recebeu elogios. "Grande ferramenta para

explicar de maneira lúdica o que é crime", comentou uma pessoa. "Marketing genial para divulgar uma lei tão importante", acrescentou outra.

Em nota oficial, o presidente do STF, Luís Roberto Barroso, destacou a relevância da parceria para a disseminação de informações de interesse público. "As decisões citadas nos vídeos já estão mudando a vida de muitas mulheres. O Supremo considerou inaceitável o argumento da legítima defesa da honra e decidiu que é uma violação dos direitos fundamentais da mulher levar em conta seu passado em processos por assédio, por exemplo", afirmou. "É fundamental comunicar esses entendimentos de forma ilustrativa e acessível. Esse conteúdo certamente levará muitas pessoas a refletirem sobre a importância de proteger as mulheres da violência física, processual e outras formas de abuso."

A diretora de estratégias do Porta dos Fundos, Joema Martins, celebrou a colaboração. "Ficamos muito felizes com o convite do STF para sermos a plataforma dessa campanha. O humor é uma excelente ferramenta para provocar reflexões", declarou.



Nos mistérios das águas

A exposição 'Águas da Amazônia' é resultado de uma pesquisa da artista sobre os rios que atravessam a floresta amazônica e desaguam na vasta costa brasileira



O universo amazônico inspira os trabalhos mais recentes da artista plástica Ana Luiza Varella



Por Affonso Nunes

A Galeria de Arte IBEU inaugura nesta quarta-feira (12) a exposição "Águas da Amazônia", da artista plástica Ana Luiza Varella, com obras que exploram o fenômeno do encontro das águas e seus mistérios.

Com curadoria de Marcia Marschhausen, a mostra convida a uma reflexão sobre a necessidade de preservação ambiental, por meio de uma viagem sensorial pelas telas, em um ano marcado pela COP 30. "A artista nos convida a navegar por uma interpretação pictórica dos fenômenos naturais e da potência dos rios amazônicos, transformando o espaço expositivo em um percurso fluido entre as forças primordiais da água e

da terra, entre o caos e a harmonia", destaca a curadora.

Nas telas, as pinceladas de Ana Luiza não se limitam à representação; elas ecoam o ritmo da própria natureza. Os movimentos sinuosos e circulares de sua técnica evocam a energia contínua da pororoca, esse confronto entre o rio e o oceano, tradu-



contramos no cotidiano, graças a uma ótica dialética que vê o cotidiano como impenetrável e o impenetrável como cotidiano."

Inspirada nesta reflexão, Ana Luiza revela sinaliza em suas obras que o mistério da existência está à nossa vista, nos acontecimentos diários e na natureza que observa. A paleta de cores da artista é inspirada na exuberância da floresta e da fauna que habita tanto os rios quanto a foz do Amazonas e a Amazônia Azul, formando um ecossistema cheio de mistérios. A união das águas dos rios com as do oceano dá origem, a cada ano, a milhares de novas espécies, tanto animais quanto vegetais e micro-organismos.

SERVIÇO

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

Galeria de Arte IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico)

Abertura: 12/3, das 19h às 22h

Visitação: De 13/3 a 30/5, de segunda a quinta (13h às 19h) e sextas (12h às 18h)

Entrada franca

zido em tonalidades terrosas e profundas que remetem à visceralidade do fenômeno.

A exposição é resultado de uma pesquisa da artista sobre os rios que atravessam a floresta amazônica e desaguam na vasta costa brasileira. Suas telas exploram um jogo de cores e formas, gestos e camadas de tinta, retratando a beleza da Amazônia, cujas águas, fauna e flora guardam o mistério das transformações.

Em um ano de COP 30, que ocorrerá na Amazônia, Ana Luiza destaca a importância da conscientização ambiental e propõe uma reflexão sobre a riqueza única da Amazônia e a responsabilidade de preservá-la. A artista se vale de uma definição do pensador alemão Walter Benjamin para quem "só devassamos o mistério na medida em que o en-